

Patrimônio Mundial na Ilha de Moçambique: os desafios da produção compartilhada de imagens no trabalho de campo

World Heritage on the Island of Mozambique: the challenges of shared image production in fieldwork

Pedro Henrique Baima Paiva

Universidade Federal de Goiás - UFG

Goiás, Brasil.

pedrohbaima@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6630-6307>.

Recebido em: 04 de fevereiro de 2024

Aceito em: 04 de abril de 2024

Resumo:

Esse artigo tem o objetivo de apresentar as estratégias escolhidas e os desafios enfrentados no trabalho de campo da minha pesquisa de doutorado defendida em 2023. Realizada na Ilha de Moçambique, na província de Nampula, região norte de Moçambique, além de um extenso levantamento bibliográfico e da observação participante, a metodologia lançou mão da sobreposição de mapas oficiais, não oficiais e mentais da ilha, e a realização da técnica conhecida como câmera participante. Além da produção de uma tese de doutoramento, a pesquisa produziu imagens fotográficas e vídeos etnográficos de forma compartilhada com os interlocutores em campo.

Palavras-chave: Unesco; Políticas Públicas; África; Câmera Participante; Memória.

Abstract

This article aims to present the strategies chosen and the challenges faced in the fieldwork of my doctoral research defended in 2023. Carried out on the Island of Mozambique, in the province of Nampula, northern region of Mozambique, in addition to an extensive bibliographical and from participant observation, the methodology made use of the overlapping of official, unofficial, and mental maps of the island, and the implementation of the technique known as participant camera. In addition to producing a doctoral thesis, the research produced photographic images and ethnographic videos shared with interlocutors in the field.

Keywords: UNESCO; Public Policies; Africa; Participating Camera; Memory.

Introdução

Esse artigo tem o objetivo de apresentar as estratégias escolhidas e os desafios enfrentados no trabalho de campo da minha pesquisa de doutorado defendida em 2023. Realizada na Ilha de Moçambique, na província de Nampula, região norte de Moçambique, além de um extenso levantamento bibliográfico e da observação participante, a metodologia lançou mão da sobreposição de mapas oficiais, não oficiais e mentais da ilha, e a produção compartilhada de vídeos etnográficos.

A cidade da Ilha de Moçambique é composta por 08 bairros na ilha e outros 25 bairros no continente ligados por uma ponte de um pouco mais de três quilômetros inaugurada em 1967. Toda a área peninsular é delimitada como Patrimônio Mundial desde 1991 e é composta por duas regiões com características distintas, a cidade de Pedra e Cal e a cidade de Macuti, separadas pela rua que passa em frente à Igreja Nossa Senhora da Saúde, um aterrado canal do mar (Cachat, 2018; Barradas, 2018).

Há algum tempo, os estudos em cidades patrimoniais têm abordado os conflitos acerca das reformas, restauros e a conservação dos imóveis patrimonializados (Herzfeld, 1991; Tamaso, 2007; Leite 2007), nesse artigo, procuro focar no trabalho de campo, que é uma etapa importante da pesquisa antropológica. Apresento inicialmente como minhas trajetórias acadêmica e profissional influenciaram nas técnicas metodológicas que utilizei durante essa pesquisa, relato como foi minha entrada em campo e minha relação de alteridade máxima com os interlocutores, os desafios de me relacionar e interagir com a população local, a escolha estratégica de me hospedar em três lugares diferentes, bem como meu equívoco na escolha dos equipamentos, e como contornei esses e outros desafios.

O trabalho de campo na ilha

Minha trajetória na faculdade de Ciências Sociais começou em 2010, no mesmo ano em que tomei posse como Analista em Obras e Urbanismo da prefeitura de Goiânia. Na graduação em Ciências Sociais¹ realizei uma pesquisa sobre o projeto de Operação Urbana Consorciada² proposto pelo setor imobiliário da capital em parceria com a prefeitura na região do Jardim Botânico de Goiânia, onde ainda existe o último trecho remanescente da ocupação das margens do córrego Botafogo que remete à construção da cidade na década de 1930.

¹

² Operação Urbana Consorciada é um instrumento urbanístico que excepciona a Lei de Uso e Ocupação do Solo e é utilizada para requalificar uma área da cidade ou para implantar e/ou ampliar infraestruturas urbanas, por meio de intervenções, em áreas da cidade onde haja interesse imobiliário.

No mestrado em Antropologia Social na mesma faculdade, abordei de modo aprofundado os discursos dos técnicos da prefeitura, políticos e representantes do setor imobiliário, as memórias dos moradores da ocupação, bem como acompanhei e analisei as audiências públicas que apresentou o projeto de Operação Urbana Consorciada realizadas pela prefeitura de Goiânia e pela associação criada pelos moradores para reivindicar a escritura de suas casas e a oportunidade de participarem do projeto de requalificação da área. Além dos diversos sentidos dados aos lugres, casas, ruas, córrego, mata e etc., a pesquisa discutiu os processos de gentrificação que essas intervenções urbanísticas promovem.

Gentrificação segundo Zukin (1987), Smith (2006) e Leite (2007) é um processo que, sob um forte e bem articulado discurso de modernização e desenvolvimento, converte áreas desvalorizadas das cidades em áreas residenciais para novas classes consumidoras. Predominantemente promovida pela iniciativa privada, a gentrificação se inicia a partir da requalificação estrutural de antigas construções por ser direcionada a grupos sociais com maior poder aquisitivo e, posteriormente, mantém-se sob uma forte estrutura de seletividade étnica, racial e econômica.

Tendo entrado em contato no mestrado com publicações sobre processos de gentrificação em diversas cidades do mundo, entre elas, projetos governamentais de reassentamento de moradores da Ilha de Moçambique no continente devido a venda de casas tombadas como Patrimônio Mundial, acatei a sugestão de minha orientadora Izabela Tamaso e me preparei para levar a pesquisa para fora do Brasil. Após entrar em contato com moradores da ilha pelas redes sociais, com o pesquisador e diretor do Gabinete de Conservação da Ilha de Moçambique, Claudio Zunguene, e com o então diretor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da ilha, Camilo Cuna, parti para a pesquisa na África.

Essa tese foi escrita no Brasil e em Moçambique. Para tanto, além de uma densa revisão bibliográfica de publicações acessadas do Brasil, lancei mão de materiais que trouxe de Moçambique e de Portugal, e materiais que me chegaram por meio de contatos feitos durante o período do trabalho de campo, entre junho e setembro de 2019. Em Moçambique, na primeira semana pude passar por Maputo, e conhecer pela primeira vez a maior cidade e capital do país. Em Maputo tive acesso às livrarias, ao acervo histórico da ARPAC – Arquivo do Patrimônio Cultural, bem como ao Ministério

da Cultura e Turismo, lugares que concentram muitas publicações e documentos relacionados ao Patrimônio Mundial, em especial sobre a Ilha de Moçambique.

Fiz uma rápida passagem pela cidade da Beira, segunda maior cidade moçambicana e a mais castigada pelo ciclone Idai³ em maio do mesmo ano, e Nampula, importante cidade do Norte, capital da província de mesmo nome e que dá acesso à Ilha de Moçambique, onde pude visitar o Museu Nacional de Etnologia, lugar em que se formou a primeira brigada de restauradores de edifícios históricos após a independência do país em 1975 e que atuou na conservação de edifícios na ilha. Acho importante registrar que durante todo o período de doutoramento eu não utilizei as bolsas disponíveis pela universidade, optando por deixá-las a outras alunas e alunos, continuar trabalhando na administração pública municipal e custear toda a pesquisa. Com o objetivo de me adaptar ao campo, esse primeiro momento se destacou como o de uma maior compreensão das diferenças políticas, socioambientais e culturais do país de sul a norte.

Na cidade da Ilha de Moçambique, dei ênfase à parte insular, onde me instalei em três lugares diferentes explorando minha experiência de alteridade máxima em campo, conforme nos sugere Mariza Peirano (2006). Com destaque, a Hospedaria Dona Kero foi minha base durante praticamente todos os dias do período de campo. Um pequeno quarto com banheiro privativo e com a janela totalmente obstruída pela construção de uma escada de cimento do lado de fora, que possuía uma cama com rede de mosquitoireiro, um criado mudo, e uma mesa com uma cadeira onde meus livros, o computador e outros pertences ficavam.

Em um grande terreno de frente para o oceano Índico, a hospedaria simples está bem localizada na rua dos Continuadores. Iniciada antes dos grandes hotéis para atender os turistas que chegavam à ilha, a casa de família cresceu e teve de se adaptar às regras municipais para continuar funcionando, assim como outras hospedarias parecidas. Com preços mais baixos, ainda hoje é uma alternativa aos hotéis e recebem turistas constantemente. Possui cômodos pouco planejados, móveis antigos e com as fiações elétricas embaraçadas pelas paredes, a hospedaria é administrada pela Dona Kero, sua família e outros agregados como Momadi que mora em um pequeno quarto e é responsável pela limpeza geral e pequenas manutenções, Hamati, um senhor alfaiate

³ O Ciclone Idai atingiu Moçambique em 15 de março de 2019 com ventos que chegaram a 100 km/h e foi considerado um dos mais fortes dos últimos anos, matou pelo menos 700 pessoas do sudeste africano e cerca de 1.7 milhões de pessoas sentiram seus efeitos.

que todos os dias faz costura com uma máquina preta antiga de frente para a porta dos fundos, e o caso do outro senhor que eu não soube o nome, mas que ao que parece, é pescador durante o dia, e a noite se deita sobre uma esteira no quintal, recebe hóspedes e cuida do portão da hospedaria que não possui tranca.

No lote grande, vários conjuntos de casas formam a hospedaria composta de quartos com banheiro e quartos sem banheiros, dois banheiros coletivos e uma pequena sala de refeições. Não se costuma servir comida regularmente, mas é comum grupos de hóspedes combinarem com a Dona Kero para que ela sirva algumas refeições. Eu mesmo pagava uma mensalidade para poder comer da alimentação que ela fazia para a sua família e gentilmente oferecia a mim no café da manhã e no almoço. Sua casa no centro do lote possui um terraço característico das casas da cidade de Pedra e Cal que serviam para a captação da água da chuva. No caso da hospedaria, o terraço é usado para secar as roupas molhadas e em parte dele foi construído uma pequena cobertura de metal com algumas cadeiras aonde todos os dias um pastor evangélico conduz orações. Dona Kero é mulçumana e sua primeira oração é realizada todos os dias às cinco horas da manhã com um pastor e outras pessoas cristãs em sua casa.

Na Hospedaria Dona Kero chegam turistas que buscam preços menores que dos hotéis. Normalmente chegam por sua conta, mas muitas vezes são trazidos por moradores ou guias turísticos. A água quente e o uso do ar-condicionado são controlados e negociados à parte diretamente com a proprietária, a limpeza é feita diariamente, mas se quiser lavar as roupas, a Dona Kero também negocia à parte. Lá não tem espaço para estacionamento, um problema de toda a ilha, então os veículos ficam estacionados na rua.

Durante três semanas me hospedei na casa do Djordan no bairro Litine, na cidade de Macuti. Uma casa de macuti em transição para casa de alvenaria localizada ao lado de uma mesquita no bairro mais populoso da ilha onde moram três famílias. Na casa sem banheiro, um antigo telhado de quatro águas feito de folha de palmeira macuti é preenchido por sacos plásticos nos lugares mais danificados. Sem piso, o chão batido é forrado por esteiras de palha que são usadas para dormir. Há poucas mobílias, dois armários pequenos de madeira, uma mesa de canto pequena de metal e um baú de madeira. Dois cômodos de alvenaria foram construídos, um anexado ao lado da casa e o outro em frente, além de uma casa de banho⁴ cercada de sacos plásticos e lona ao lado

⁴ A casa de banho é um local apenas para o banho, não possui sanitário.

do caminho de acesso. Hospedei-me no quarto ao lado, com o chão forrado por lonas plásticas que possuía uma cama com rede de mosquiteiro e dois criados, uma estante cheia de objetos variados, um ventilador e um rádio antigo.

A única porta central fica aberta praticamente o dia todo, mas só é acessada pelos moradores. Quando visitantes se aproximam costumam falar da porta “*dá licença*” e esperam alguém responder. As paredes de mangal e pedras de coral não possuem isolamento acústico, o que faz com que se dê para ouvir as pessoas passando ao lado ou conversando em outras casas próximas. As mulheres e as crianças costumam ficar em frente à porta, sentadas, conversando, cuidando dos filhos, vendendo biscoitos, frutas ou madeira, por exemplo. É também o lugar onde fica a cisterna que fornece água para a casa e para alguns vizinhos, e onde se cozinha com fogareiro de metal e se lava as roupas em bacias de plástico.

Por três dias hospedei-me no Hotel Escondidinho em um quarto com uma cama de casal e uma de solteiro com redes de mosquiteiro, dois criados com abajures, cadeira de madeira e sisal, cômoda com quatro gavetas, um espelho grande e alguns quadros nas paredes, uma mesa com cadeira de madeira para escritório. O espaçoso banheiro era privativo, mas ficava fora do quarto. Em frente ao quarto fica uma grande piscina rodeada por cadeiras, espreguiçadeiras e um belo jardim. O hotel muito bem decorado foi construído no edifício de uma grande feitoria do período da escravidão. Local que tem sido buscado por arqueólogos que acreditam haver um túnel no subterrâneo que conectava o local à rede de túneis secretos para o contrabando de escravizados na ilha, origem do nome *Escondidinho*.

Além de conviver com famílias, trabalhadores, turistas, pesquisadores e estudantes, busquei primeiramente sistematizar uma técnica de coleta de dados usando o mapa da ilha como suporte. Nesse caso, o mapa turístico, e não o mapa da Unesco, oficial. Fiz essa opção porque era o mapa disponibilizado para as pessoas em hotéis e órgãos públicos. Feito a partir do mapa da Unesco, o mapa turístico destaca com cores e legenda alguns pontos da ilha e acrescenta o Crematório Hindu e o Cemitério Cristão na Ponta da ilha.

Mapa 1: Na comparação o mapa da esquerda corresponde ao mapa da Unesco, sem demarcação de edifícios tombados na Ponta da ilha, e o mapa da direita corresponde ao mapa turístico onde as ruínas do Crematório Hindu e o Cemitério Cristão aparecem em destaque.



Fonte: Foto do autor, 2019

Durante a pesquisa, em grande parte no trabalho de campo, procurei sobrepor o mapa oficial apresentado no relatório de candidatura ao título e disponível na página oficial da Unesco na internet ao mapa turístico, que dei preferência por ser mais comum entre as pessoas e disponibilizados pelas entidades governamentais. Seguindo a proposta metodológica, fiz a sobreposição desses mapas aos mapas mentais apresentados pelas pessoas entrevistadas e com as quais interagi em Moçambique.

Figura 1: Crianças localizando suas casas no mapa turístico da ilha.



Fonte: Foto do autor, 2019

Com várias cópias do mapa da ilha impressas, delimitei todos os bairros, identifiquei igrejas, mesquitas, túneis, fossas sépticas, calhas para drenagem superficial, além de outros pontos referenciais e equipamentos urbanísticos. Caminhei diariamente com diversas pessoas registrando nos mapas suas impressões e experiências. Em meu quarto de estudos na hospedaria Dona Kero, como exercício regular, transferia essas informações para um grande mapa que confeccionei e fixei na parede, criando camadas, sobreposições e formas distintas de perceber a ilha. Além disso, descarregava todas as fotografias e vídeos produzidos durante o dia em pastas devidamente separadas e classificadas no computador.

Figura 2: Mapa desenhado em cartolina e fixado na parede onde as informações eram sobrepostas.



Fonte: Foto do autor, 2019

A fotografia e os vídeos acompanham minhas pesquisas desde a graduação em Ciências Sociais. É importante ressaltar que sou casado com uma fotógrafa que me inspira e me ensina todos os dias técnicas fotográficas, o que aumenta minha paixão pelo tema. Meu interesse pelas imagens sempre influenciou o trabalho de campo e a forma de me relacionar com os interlocutores, por isso se destacam nessa pesquisa. A capacidade que as imagens possuem de comunicar e provocar as pessoas fazem delas ferramentas interessantes na pesquisa antropológica. Ao fazer minhas malas no Brasil tive o cuidado de acondicionar bem uma máquina fotográfica emprestada pela minha tia, dois cartões de memória, alguns conjuntos de pilhas, e um pequeno notebook cedido pela minha mãe. A leveza e a portabilidade daqueles equipamentos naquele momento me pareciam fundamentais para um antropólogo em pesquisa pela África.

Após uma pequena passagem por Lisboa para apresentar um artigo sobre minha pesquisa de mestrado no VII Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia e pesquisar um pouco mais sobre a Ilha de Moçambique, a chegada em Maputo foi uma oportunidade de me acostumar com novas regras sociais e formas de usar a cidade. Para começar, com o trânsito e as ruas onde se trafega pelo lado esquerdo, e não pelo lado direito como no Brasil, e as conversões monetárias do real⁵ para o dólar e para o metical⁶, por exemplo. As primeiras saídas com a câmera já deram pistas do que estava por vir. Com um consumo exagerado das pilhas e uma pequena capacidade de armazenamento, a máquina não me ajudou muito.

Como as imagens estavam no centro da metodologia proposta, o aparelho de telefone celular passou a desempenhar uma função estratégica substituindo a máquina fotográfica. Contudo, o celular também possuía uma memória pequena. Então tive de excluir todos os arquivos e aplicativos possíveis, fazendo do celular minha máquina fotográfica e carregando-o sempre comigo. Descarregar as fotos e organizá-las em pastas identificadas foi um exercício diário na Dona Kero. Oportunidade para fazer anotações em meu mapa da cidade, e considerações na caderneta de campo.

A antropologia e a fotografia possuem uma história de proximidade e se desenvolveram juntas nas primeiras décadas do século XIX. Em substituição às gravuras, as fotografias foram utilizadas primeiramente por nações colonizadoras como França e Inglaterra em pesquisas que buscavam classificar o mundo e as pessoas a partir de emoções faciais e expressões naturais. A fotografia para a antropologia positivista e evolucionista serviu também para capturar o exótico que estava fora da Europa (Dantas, 2021).

Para essa pesquisa, as fotografias foram feitas sem preocupação estética. Os registros em grande parte retratam cenas do cotidiano, pessoas e lugares que naquele dia haviam sido abordados em campo e estavam anotadas na caderneta de campo, isto é, cenas do trabalho de campo. Portanto, nesses casos, não priorizei o enquadramento, alinhamento ou qualquer outra regra de fotografia.

Enquanto uma caderneta física com textos, desenhos e esquemas era construída, outra caderneta virtual composta por fotos e pequenos vídeos também era. De maneira geral, foi comum os moradores quererem ser fotografados. Pediam para serem fotografados, inclusive. Entretanto, em duas situações o retrato não foi bem-vindo,

⁵ O real é a atual moeda brasileira.

⁶ O metical é a atual moeda moçambicana.

primeiro por um vendedor na avenida 25 de junho que foi filmado durante a gravação de entrevistas com o representante do GACIM, e na segunda vez dentro do prédio do Tribunal Judicial do Distrito da Ilha de Moçambique, edificação listada como parte do acervo tombado da ilha.

Com o projeto de usar a produção de vídeos etnográficos colaborativos como forma de imersão em campo e de fomento ao debate com as comunidades frustrado pela falta de equipamentos adequados, a fotografia se destacou, e logo me proporcionou vínculos com diversas pessoas que quiseram ser fotografadas e acabaram dialogando e contribuindo com a pesquisa. A imagem de um homem branco fotografando comunidades negras em Moçambique é bastante simbólica e até tem nome na ilha, *Nykunha*, uma categoria êmica para se referir ao estrangeiro branco e da qual eu era frequentemente chamado.

Através de um convite da Universidade Lúrio⁷, promovi uma oficina intitulada Câmera Participante como Proposta Metodológica para a Investigação Antropológica com 110 alunos de duas turmas, uma do curso de Desenvolvimento Local e Relações Internacionais, e outra do curso de Turismo, inspirado nas aulas de antropologia visual que tive na graduação em Ciências Sociais, com o Professor Gabriel Alvarez na Universidade Federal de Goiás, no Brasil.

Figura 3: Dia em que as turmas da Universidade Lúrio apresentaram os vídeos etnográficos feitos por eles a todos os alunos.



Fonte: Foto do autor, 2019

⁷ A Universidade Lúrio é uma instituição de ensino superior pública criada em 2006 com sua sede estabelecida na cidade de Nampula. Está desde 2018 na Ilha de Moçambique através da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Apresentei o conceito de Cidadania Patrimonial do Professor Manuel Lima Filho, e desafiei os alunos a romperem com a histórica concepção de que o poder público é o definidor e produtor da cultura, da cidade e das sociabilidades. Para Lima Filho (2015: 139), trata-se de cidadania patrimonial,

a capacidade operativa dotada de alto poder de elasticidade de ação social por parte de grupos sociais e étnicos, em suas dimensões coletivas ou individualizadas de construir estratégias de interação (de adesão à resistência/negação) com as políticas patrimoniais tanto no âmbito internacional, nacional ou local, a fim de marcar preponderantemente um campo constitutivo identitário, pelo alinhamento dos iguais ou pela radicalidade da diferença.

Em grupos de cinco alunos, eles produziram vídeos sobre o que consideraram patrimônios materiais e imateriais na ilha, simulando dentro das possibilidades disponíveis, a produção de um vídeo de cunho etnográfico com base na filmagem, edição e produção compartilhada. O resultado foram 20 produções de vídeo e o acesso a lugares e pessoas que se tornaram interlocutores muito importantes nessa pesquisa. Os vídeos foram feitos com pessoas da ilha e abordaram a *capulana*⁸, as reformas dos edifícios de pedra e cal, a mineração de miçangas nas praias, a venda de miçangas, o *mussiro*⁹, o mercado *Ndelane*, a construção de embarcações na ilha, a *mikova*¹⁰, a capoeira, os utensílios caseiros, a existência de túneis na ilha, a culinária local, a fabricação de artesanatos, o jogo tradicional chamado *Mpale*, os métodos construtivos da cidade de Pedra e Cal, e o Jardim da Memória.

Além de importante caderneta de campo virtual, os registros dos lugares, das casas e de suas memórias buscaram ir de encontro a uma antropologia que se preocupa com a duração, como sugerem Rocha e Eckert (2013). Também produzi entrevistas filmadas e compartilhadas com atores que se destacaram durante o trabalho de campo, como Senhor Hafiz Abdul Razak Assad Adi, xeique local; Zeyd Abdul Rahiro ou Didi, como é chamado o construtor local; Claudio Zunguene, professor, pesquisador e, na ocasião, fiscal do GACIM, atualmente diretor; e Edy, morador e guia turístico da Ilha de Moçambique.

⁸ Capulana é o nome que se dá, em Moçambique, a um pano que, tradicionalmente, é usado pelas mulheres para cingir o corpo e por vezes a cabeça. Também é usado para levar as crianças junto ao corpo, e assessora a mulher nas atividades domésticas.

⁹ Mussiro é uma planta arbustiva utilizada ritualmente na puberdade feminina e no tratamento de pele por meio de máscaras faciais comum na Ilha de Moçambique.

¹⁰ Mikova é o nome dado a um cinturão de miçangas usado pelas mulheres *makhuwa* durante a relação sexual com o objetivo de dar força aos homens.

A escolha dos interlocutores aconteceu de maneira natural durante a pesquisa. Claudio foi um contato importante feito quando eu ainda estava no Brasil, me recebeu, me orientou e deu todo o suporte para minha permanência na ilha. Sendo ele servidor público como eu e trabalhando como fiscal do GACIM, pudemos compartilhar experiências acadêmicas e profissionais. Antes de ir para Moçambique eu busquei nas redes sociais pessoas que morassem por lá e Edy foi o único que me respondeu. Seu nome no Facebook é Edy Ilha de Moçambique e por ser treinado pela Unesco em Moçambique, também se tornou um interlocutor estratégico.

O Senhor Hafiz é um xeique muito importante da ilha e já participou de muitos estudos e pesquisas. Também participou de capacitações oferecidas pela Unesco em Moçambique e era sempre lembrado e recomendado por diferentes pessoas como uma fonte fundamental para o estudo do patrimônio da ilha. Didi se tornou interlocutor por ser um construtor que estava restaurando casas na ilha. Didi é jovem e frequentava restaurantes, festas e pontos turísticos da ilha, o que fez com que nos conhecêssemos.

Senhor Hafiz é morador, xeique da irmandade mulçumana Kadrihia Bagdad e integrante da associação dos Amigos da Ilha de Moçambique fundada em 1982. Concedeu-me entrevista em sua casa e me orientou em vários outros encontros em campo. Didi me levou em uma de suas obras na cidade de Pedra e Cal, dentro do limite tombado pela Unesco, me concedeu entrevista e se colocava sempre aberto a diálogos em encontros na ilha e no continente. Claudio é professor, pesquisador e servidor do GACIM na ilha, foi interlocutor fundamental nessa pesquisa. Edy é um excelente guia turístico formado pela Unesco, conhece muitas histórias oficiais e não oficiais da ilha, sendo muito procurado por pesquisadores, produtores de documentários e recomendado pelos hotéis e empresas de turismo. Os quatro se tornaram meus amigos.

Essas gravações foram possíveis graças à participação da pesquisadora brasileira Taiane Santi Martins que também em trabalho de campo de doutorado na ilha, disponibilizou sua câmera profissional e contribuiu com significativas considerações. Os entrevistados foram convidados a participar da pesquisa e assinarem o termo de ciência e autorização, conforme regras do comitê de ética da Universidade Federal de Goiás. Ficou facultado a eles escolherem o que falar e o que mostrar na ilha dentro do tema patrimônio, ficando eu como um “cameraman” e entrevistador. Devido à pandemia não foi possível a edição compartilhada como programado, mas produzi pequenos

vídeos de no máximo dez minutos que estão publicados no YouTube¹¹ e em redes sociais onde os entrevistados são marcados, o que permitiu interações, sugestões e contatos pela internet.

Figura 4: Me. Claudio Zunguene, professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e Diretor do Gabinete de Conservação da Ilha de Moçambique apresentando o patrimônio da ilha



Fonte: Taiane Santi Martins, 2019

Um segundo retorno a campo estava programado para o final de 2020 e início de 2021, período das chuvas na ilha, mas, que foi impossibilitado pela pandemia da Covid19, que iniciou em meados de março de 2020. Acho importante destacar que não foi só o campo que a pandemia prejudicou, mas em muitos momentos a continuidade de toda a pesquisa. Vejo o quanto as mortes e os impactos das desigualdades sociais noticiados nesse período influenciaram na escrita da tese que dá origem a esse artigo. A urbanização descontrolada, a degradação ambiental e social que estamos globalizando no planeta ficou estampada em todos os noticiários. A esperança também.

Escrever nesse momento se tornou não só um protocolo acadêmico, mas uma importante contribuição da antropologia para os rumos do mundo. Em março de 2022 enquanto eu escrevia essa tese no Brasil, o ciclone Gombe chegou à ilha com muita agressividade derrubando casas, monumentos e árvores, inclusive a grande Figueira que recebia as pessoas que atravessavam a ponte, um dos cartões postais da Ilha de Moçambique.

¹¹ <https://www.youtube.com/channel/UCs1iuj4d8udJdCyB7T7JnbA>

Considerações Finais

O uso de imagens na pesquisa antropológica é muito comum. A produção compartilhada de audiovisuais por sua vez, ganha força e favorece uma etnografia preocupada com o outro e com sua participação como interlocutor com voz. Contudo, devemos estar sempre preparados para imprevistos e dificuldades que aparecem durante o trabalho de campo.

Na Ilha de Moçambique, o problema enfrentando com os equipamentos levados colocaram em xeque a metodologia previamente escolhida. As limitações da câmera e do computador levado me obrigou a adotar outras estratégias em campo, como o uso dos mapas turísticos e oficiais da Unesco, além, da produção de mapas mentais com os interlocutores.

A soma dessas estratégias proporcionou um rico material textual e audiovisual que possibilitou a produção da tese defendida em 2023. É importante ressaltar que a parceria com outros pesquisadores em campo também são fundamentais para a pesquisa. Mesmo que pesquisando em ciências diferentes, os encontros favorecidos pelo trabalho de campo ampliam nossos olhares e permitem acesso a informações e teorias que enriquecem o trabalho final.

Portanto, é fundamental a escolha adequada dos equipamentos eletrônicos que vamos levar para campo, principalmente quando o campo é realizado em lugares distantes ou que apresentam barreiras culturais, linguísticas e econômicas. É fundamental estarmos abertos a diferentes metodologias. A mudança no curso da pesquisa pode ser um grande dificultador, mas também pode ser uma grande oportunidade de fazermos uma produção mais rica e adequada às realidades que encontramos.

Referências

BARRADAS, Ricardo. *Ilha de Moçambique: estórias da sua história*. Maputo, Edição do autor, 2018.

CACHAT, Séverine. *Ilha de Moçambique: uma herança ambígua*. Tradução: Jorge Mbanze. Maputo, Alcance Editores, 2018.

DANTAS, Emiliano Ferreira. *A imagem enquanto leitura e escrita do mundo: levele e a ferida colonial em São Tomé*. Tese (Doutorado). Lisboa, Instituto Universitário de Lisboa, 2021.

HERZFELD, Michael. *A place in history: social and monumental time in a Cretan Town*. In: *The Anthropology of Space and Place: locating culture*/ edited by Setha M. Low and Denise Lawrence-Zúñiga. Blackwell Publishing, 1991.

LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*, 2ª Edição, Campinas, SP, Editora UNICAMP, Aracaju, SE, Editora UFS, 2007.

LIMA FILHO, Manuel, Ferreira, *Cidadania Patrimonial*. Revista Antropológicas, Ano 19, V. 26 (2), p. 134 – 155, 2015.

PEIRANO, Mariza. *A teoria vivida: e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2006.

ECKERT, Cornelia, ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Etnografia da Duração*. Porto Alegre, MarcaVisual, 2013.

SMITH, Neil. *A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à “regeneração” urbana como estratégia urbana global*, In Bidou-Zachariasen, Catherine (coord.). *De 137 volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos*. São Paulo, Annablume, 2006.

TAMASO, Isabela Maria. *Em nome do Patrimônio: representações e apropriações da cultura na cidade de Goiás*. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

ZUKIN, Sharon. *Gentrification: culture and capital in the urban core*. Annual Review of Sociology, Vol. 13. p. 129 - 147, 1987.